

Como a Teoria das Molduras Relacionais (RFT) Transforma a Clínica Comportamental – Estratégias Recentes para Aplicação

How Relational Frame Theory (RFT) transforms behavioral therapy – recent applied strategies

Como la Teoría de los Marcos Relacionales (RFT) transforma la clínica comportamental - Estrategias Recientes para Aplicación

Natalia Ramos Bim¹, João H. de Almeida²

[1] Universidade Estadual de Londrina [2] Universidade Federal de São Carlos, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento Cognição e Ensino
Título abreviado: RFT transforma a clínica comportamental | **Endereço para correspondência:** | **Email:** emaildojoah@yahoo.com.br | **doi:** 10.18761/PAC.2019.v10.n2.08

Resumo: A Teoria das Molduras Relacionais (RFT) proposta por Hayes, Barnes-Holmes e diversos colaboradores transforma como entendemos as contingências responsáveis pelo desenvolvimento de repertórios comportamentais para seres humanos. O objetivo deste trabalho foi realizar a apresentação desta transformação especialmente no contexto clínico. Para tanto, além de uma breve revisão dos conceitos principais, foram apresentados um modelo de organização recentemente proposto e também abordagens igualmente novas para intervenção clínica baseada na RFT. Estas ferramentas destacam que os impactos da proposta feita pela RFT desde os anos oitenta e organizada no início dos anos 2000 vão muito além do que uma aparente renomeação de processos anteriormente descritos na Análise do Comportamento. A Teoria das Molduras Relacionais transforma nosso entendimento sobre as formas de aprendizagem de seres humanos verbalmente competentes.

Palavras-chave: Teoria das Molduras Relacionais, Análise Funcional Verbal, *Drill-down*, HDML, prática clínica.

Abstract: The Relational Frame Theory (RFT) proposed by Hayes, Barnes-Holmes and several collaborators transforms how we understand the contingencies responsible for the development of human behavioral repertoires. The purpose of this study was to present this transformation, especially in the clinical context. In order to do so, in addition to a brief review of the main concepts, we presented a recently proposed organizational model and also equally new approaches to clinical intervention based on RFT. These tools emphasize that the impacts of the proposal made by the RFT since the 1980s and organized in the early 2000s go far beyond an apparent renaming of processes previously described in Behavior Analysis. The Theory of Relational Frames transforms our understanding of learning for verbally competent human beings.

Keywords: Relational Frame Theory, Verbal Functional Analysis, *Drill-down*, HDML, Clinical Practice

Resumen: La Teoría de los Marcos Relacionales (RFT) propuesta por Hayes, Barnes-Holmes y diversos colaboradores transforma cómo entendemos las contingencias responsables por el desarrollo de repertorios conductuales para los seres humanos. El objetivo de este trabajo fue realizar la presentación de esta transformación especialmente en el contexto clínico. Para ello, además de una breve revisión de los conceptos principales, se presentó un modelo de organización recientemente propuesto y también enfoques igualmente nuevos para intervención clínica basada en la RFT. Estas herramientas destacan que los impactos de la propuesta hecha por la RFT desde los años ochenta y organizada a principios de los años dos mil van mucho más allá que una aparente renombración de procesos anteriormente descritos en el Análisis del Comportamiento. La Teoría de Los Marcos Relacionales transforma nuestro entendimiento sobre las formas de aprendizaje de seres humanos verbalmente competentes.

Palabras clave: Teoría de los Marcos Relacionales, Análisis Funcional Verbal, Drill-down, HDML, práctica clínica

A Análise do Comportamento buscou e alcançou, em grande medida, uma disciplina unificada e coerente com os ramos básicos e aplicados. Isso poderia levar, em princípio, a um campo com programas empíricos em todo conjunto de tópicos importantes da psicologia. Isso, no entanto, não aconteceu. Em vez disso, segundo Hayes e Berens (2004), tanto seus ramos básicos quanto aplicados se tornaram estreitamente focalizados e relativamente não influentes no contexto da psicologia como um todo. Para os autores, o que pode ter contribuído para esse resultado é a falta de uma análise analítico-comportamental adequada da linguagem humana. Eles defendem que era necessário um maior desenvolvimento da proposta para pesquisar e compreender com precisão comportamentos complexos dos seres humanos. De acordo com Foody, Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Torneke, Luciano, Stewart e McEnteggart (2014), uma integração das questões de princípios básicos e aplicação é essencial para um modelo reticulado, assim como é o programa de pesquisa proposto pela Ciência Comportamental Contextual.

Os teóricos da Teoria das Molduras Relacionais (do inglês *Relational Frame Theory*; RFT) compreendem que uma relação produtiva entre áreas aplicadas e básicas requer um interesse compartilhado em questões específicas. Assim, de acordo com Barnes-Holmes, Y., Barnes-Holmes, D., & McEnteggart (2018), é esperado que os psicoterapeutas se interessem pelo impacto da linguagem humana, já que muito do que eles fazem é interagir verbalmente com os clientes, e o próprio material das narrativas é grande parte da amostra passível de análise (Barnes-Holmes, Y., Barnes-Holmes, D., & McEnteggart, (2018). Por outro lado, é interesse dos pesquisadores básicos conhecer a natureza e impacto do comportamento verbal. Portanto, a RFT se apresenta como uma alternativa de explicação analítico comportamental para linguagem e cognição humana, que tenha uma aplicação prática baseada em evidências e embasada por princípios básicos.

Apesar de já extensivamente apresentada em diversos momentos (Hayes, Barnes-Holmes, & Roche, 2001; Torneke, 2010; Zettle, Hayes, Barnes-Holmes & Biglan, 2016, entre outros), a proposta da RFT não parece ter causado o im-

pacto que sua explicação permite na Análise do Comportamento, principalmente em alguns contextos como o brasileiro. A comunidade brasileira de forma geral, por muito tempo desconsiderou ou não se interessou pelos avanços apresentados por esta teoria, cujo entendimento mais amplo e a relevância de suas contribuições ainda estão longe de serem percebidas.

A RFT apresenta uma explicação analítico comportamental da linguagem e cognição humana, sendo o Responder Relacional Arbitrariamente Aplicável (RRAA) a unidade de análise dessa explicação. Assim, entende que relacionar arbitrariamente adiciona uma possibilidade transgressora na compreensão de como as contingências operam, o que significa que muito do conhecimento sobre os princípios comportamentais precisa ser reexaminado, especificamente quando o alvo desta análise são comportamentos de organismos verbais (Hayes & Berens, 2004). Ao considerar os fenômenos humanos como principalmente verbais, desde que estejamos analisando contingências de organismos verbalmente competentes, é necessário considerar essas contingências para uma adequada análise funcional. É possível que práticas que desconsiderem o papel da linguagem no estabelecimento do nosso repertório não produzam efeitos nos comportamentos de interesse se comparadas a intervenções articuladas a essa perspectiva (e.g., Luciano et al., 2013; Luciano et al., 2014).

Esta explicação da linguagem e cognição humana interfere globalmente no entendimento sobre aprendizagem e estabelecimento de repertórios comportamentais, e dessa forma, afeta os métodos e toda interação clínica. A proposta do presente texto é apresentar brevemente a explicação da RFT e apresentar modelos e intervenções aplicadas à clínica desenvolvidos a partir dessa perspectiva. Muitos destes modelos e intervenções estão atualmente em evolução, mas entendemos que mesmo propostas iniciais já apresentam um potencial transformador na prática da Análise do Comportamento no contexto clínico e permitam um melhor entendimento do impacto dessa teoria.

O que é a Teoria das Molduras Relacionais (RFT)?

O ponto central da explicação da linguagem e cognição oferecida pela RFT é que esse comportamento complexo e fluido pode ser explicado a partir do Responder Relacional Derivado (Hayes et al., 2001; Zettle, Hayes, Barnes-Holmes, & Biglan, 2016). A RFT abrange a ideia simples de que derivar relações de estímulos é um comportamento que é produzido a partir de uma história de Treino de Múltiplos Exemplares (*Multiple Exemplar Training*; TME). Os TME são treinos bidirecionais, em que, em ambos os sentidos do treino, os comportamentos relacionais são reforçados (por exemplo, A é igual a B e B é igual a A). A partir dessa história, de acordo com Törneke (2010) e Hayes e colaboradores (2001), o organismo é capaz de desenvolver controle contextual apropriado e, mais tarde, derivar respostas relacionais diante de estímulos novos. Para abstrair o comportamento relacional para outros contextos, o organismo deve ser exposto a um TME que permita discriminar entre as características relevantes da tarefa (respondendo a um evento em termos de outro baseado em uma dica contextual) e os recursos irrelevantes (as propriedades físicas dos objetos relacionados). Com exemplares suficientes dessa resposta bidirecional diretamente treinada, outras respostas podem derivar com relação a novos estímulos. A maioria dos organismos vivos, dado o treinamento apropriado, é capaz de responder às relações entre as propriedades físicas de dois ou mais estímulos. Selecionar o estímulo maior, mais claro ou mais redondo simplesmente se torna um operante aprendido. Essas respostas são controladas por dicas contextuais, possibilitando responder relacionalmente aos elementos ambientais.

As respostas selecionadas por dicas contextuais são respostas relacionais. “Relacionar” significa responder a um evento em termos de outro. Se selecionar apenas o maior de dois objetos de estímulo é reforçado sobre uma série de tentativas com objetos variados, não há razão para se surpreender se um organismo começar a responder à relação entre os estímulos, em vez de a um estímulo específico apenas. Segundo Hayes e colaboradores (2001) e Torneke (2010) responder a relações de estímulo não arbitrarias não é, por si só, derivado de respos-

tas relacionais, porque está inteiramente ligado às propriedades formais dos eventos relacionados.

Os organismos podem, no entanto, aprender a responder relacionalmente a objetos em que a relação é definida não pelas propriedades físicas dos objetos, mas por alguma outra característica da situação. Uma resposta relacional desse tipo não depende mais apenas das propriedades físicas do estímulo. Pelo contrário, ela é aplicada a quaisquer estímulos encontrados no contexto relacional apropriado: ela é arbitrariamente aplicável (Stewart & Roche, 2013). Conforme afirmou Hayes e colaboradores (2001), as respostas relacionais são arbitrariamente aplicáveis simplesmente no sentido de que, em alguns contextos, essas respostas estão sob o controle de dicas contextuais. Esse tipo de responder constitui a unidade de análise da RFT, o Responder Relacional Arbitrariamente Aplicável (RRAA).

O RRAA consiste em um tipo de resposta que, inicialmente, é abstraída e trazida sob o controle de uma dica contextual para um conjunto de estímulos arbitrários, e que, posteriormente, se repetirá diante de outros conjuntos. Esse processo abstrativo é uma característica fundamental do desenvolvimento da RRAA. A característica crítica deste tipo de responder relacional é que são controladas por essas dicas contextuais e aplicáveis a eventos que serão relacionados de forma arbitrária. Segundo (Stewart, McElwee e Ming (2013), para a RFT este é o comportamento com potencial para explicar a linguagem.

O RRAA possui três propriedades que são definidoras: (a) Implicação Mútua (b) Implicação Mútua Combinatória (c) Transformação de Função. Elas são definidoras no sentido em que a observação de qualquer uma delas já é evidência suficiente para considerar uma ocorrência do RRAA. A Implicação Mútua (IM) descreve uma relação entre dois eventos que envolve responder a um evento em termos do outro e vice-versa em um contexto. Se A está relacionado a B, então B está relacionado a A. As relações específicas envolvidas podem variar. Se a primeira relação é especificada, a segunda é implicada. Por exemplo, se A for maior que B, então B é menor que A. A Implicação Mútua Combinatória (IC), refere-se a uma relação de estímulo derivado em que duas ou mais relações de estímulo (treinadas ou derivadas) se combinam mutuamente. Ela

se aplica quando, em um determinado contexto, se A está relacionado a B e B está relacionado a C, então, como resultado, A e C estão mutuamente relacionados nesse contexto. É provável que a IC, em geral, surja um pouco mais tarde no treinamento de linguagem do que a IM, devido à sua complexidade e histórico de treinamento.

As propriedades de IM e IC destacam as relações arbitrárias estabelecidas, mas a resposta relacional é importante porque pode selecionar outras formas de resposta. Assim, a Transformação de Função é compreendida quando um determinado estímulo em uma rede relacional tem certas funções psicológicas, e as funções de outros eventos nessa rede podem ser modificadas de acordo com a relação derivada subjacente. Dadas relações de estímulo arbitrariamente aplicáveis entre A, B e C, e dado um contexto que atualiza a transformação de uma dada função de A, as funções de B e C serão modificadas em termos das relações subjacentes entre A, B e C. Assim, a Transformação de Função de estímulo deve estar sob controle contextual. De acordo com Hayes e colaboradores (2001) as dicas contextuais não apenas estabelecem e indicam as condições particulares sob as quais a atividade relacional ocorre, elas também especificam quais funções devem ser transformadas ou transferidas.

O RRAA nos permite descrever com muita precisão as diferentes maneiras pelas quais estímulos e eventos podem ser relacionados. Assim, o termo Moldura Relacional foi cunhado para designar padrões particulares de respostas relacionais. De acordo com Hayes e colaboradores (2001) uma moldura relacional é uma classe específica de RRAA que mostra as qualidades controladas por contexto de IM, IC e Transformação de Funções e que foi estabelecida a partir de uma história de responder às dicas contextuais envolvidas. «Moldura» não é uma estrutura, entidade mental ou processo cerebral. É uma metáfora que se refere a um recurso característico de algumas classes de resposta puramente funcionais (Hayes et al., 2001). Assim como um porta-retratos pode conter muitas imagens, uma moldura relacional de respostas pode incluir diferentes características formais e, ao mesmo tempo, ser uma instância definível de um padrão geral. As principais molduras descritas na literatura são:

coordenação (semelhança), distinção (diferença), comparação, oposição, hierarquia, temporalidade e tomada de perspectiva/dêitica.

Comportamento Verbal para RFT

De acordo com a perspectiva da RFT, a linguagem é compreendida como relacionar arbitrariamente eventos de alguma maneira especificada pelo contexto. O comportamento verbal é a ação de emoldurar eventos relacionalmente. Isso é muito relevante, pois é um ponto central de contraste com outras definições analítico comportamentais tradicionais. Ambos os falantes e ouvintes se envolvem em comportamento verbal (Hayes et al., 2001). Para os autores proponentes da RFT, o significado de verbal, nessa abordagem, define um processo comportamental altamente especificado. Os eventos verbais podem ser definidos dessa maneira principalmente por duas razões, a saber: a) as molduras relacionais têm um impacto profundo na interpretação do comportamento humano como um todo e b) esses eventos parecem ser centrais para qualquer questão que envolva explicação de fenômenos relacionados a linguagem e cognição. Os estímulos verbais incluem muito mais que palavras. Mesmo um evento aparentemente “não-verbal” é, pelo menos em parte, funcionalmente verbal para os humanos. Todas as relações verbais são contextualmente controladas. A RFT assume, então, a posição de que as relações de estímulo derivadas constituem o núcleo do comportamento verbal.

Uma vez que os humanos se tornam verbais, o significado ou a função de todos os estímulos ambientais poderá também depender de relações arbitrárias estabelecidas com diversos outros estímulos, além da aprendizagem direta. Essa possibilidade de aprender a partir de relações arbitrárias e responder a relações derivadas é importantíssima para a explicação de diversos comportamentos humanos complexos (Almeida & Perez, 2016). A definição técnica de eventos verbais na RFT (ou seja, emoldurar eventos relacionalmente) nos fornece uma rota para a análise do domínio apontado por esses termos, incluindo muitos dos fenômenos que são tipicamente considerados relevantes para a psicologia da linguagem e da cognição, como pensamento,

solução de problemas, compreensão e seguimento de regras, tomada de perspectiva e assim por diante. Conforme apontaram de Almeida e Perez (2016) as contribuições da RFT podem ser observadas em diferentes áreas de relevância, como problemas relacionados ao desenvolvimento, questões relativas à tomada de perspectiva, inteligência, atitudes implícitas e na aplicação clínica. Neste último, a RFT tem sido a base para uma explicação funcional de psicopatologias, bem como no desenvolvimento de propostas de modelos de intervenções clínicas.

Desde sua proposição inicial em Hayes e colaboradores (2001), é discutido como este comportamento verbal (como responder relacional derivado) pode ser explicado de maneira operante. Poucas relações são estabelecidas diretamente e são essenciais para observação destas respostas relacionais derivadas que modificam a maneira como todas as contingências comportamentais tradicionais operam para os seres humanos. Como defendem Hayes e colaboradores (2001) “os seres humanos vivem em dois mundos simultaneamente: sua continuidade com o resto do reino animal significa que eles vivem constantemente em um mundo de contingências diretas. Sua aquisição de respostas relacionais derivadas significa que elas vivem constantemente em um mundo construído verbalmente” (p. 49). Nesse sentido parece importante continuar a explorar exatamente como os termos e conceitos técnicos da RFT podem ser usados para compreender o sofrimento psicológico humano e tratá-lo no contexto da psicoterapia.

Na medida em que a psicologia comportamental busca investigar os temas relevantes para a interação humana, é preciso investigar o comportamento humano complexo como o pensar, resolver problemas, planejar, persuadir etc. Esses comportamentos são, em parte, eventos suportados pela linguagem (Hayes & Berens, 2004).

Segundo Hayes, Strosahl e Wilson citado por Hayes, Barnes-Holmes e Roche (2001) “nossa espécie possui o menor número de contatos com fontes diretas de dor se comparados a qualquer outra espécie no planeta, porém, através da linguagem é capaz de sofrer com um grau de intensidade, constância e abrangência que é literalmente inimaginá-

vel no mundo não-humano” (p. 215). A linguagem humana deixou de ter sua função apenas comunicativa. Os humanos evitam agora partes do seu próprio comportamento, que são verbalmente estabelecidos como aversivos. Como resultado, os humanos evitam o conhecimento da dor do passado ou pode se comportar com muito esforço para evitar a possibilidade de contatar uma dor, ainda não “presente” mas “futura”, que poderia eventualmente nem acontecer mesmo na ausência destes comportamentos de evita-la (Hayes et al., 2001; Torneke, 2010; Luciano et al, 2014).

Segundo Hayes e colaboradores, a linguagem e a cognição humanas são uma fonte de muitos problemas psicológicos humanos. Embora a transformação de funções permita expansões impressionantes e vantajosas do repertório comportamental de um indivíduo, esse repertório, ao mesmo tempo, permeia o sofrimento psicológico. Conforme continuou Hayes, Strosahl e Wilson citado por Hayes e colaboradores (2001) “Por causa da transformação de funções, podemos nos julgar e nos ver faltantes; podemos imaginar ideais e achar o presente inaceitável por comparação; podemos reconstruir o passado; podemos nos preocupar com futuros imaginados; podemos sofrer com o conhecimento de que vamos morrer” (p. 215). Dessa forma, os psicoterapeutas enfrentam o dilema geral de tentar aliviar os problemas psicológicos inerentes à linguagem humana, usando avaliações e intervenções baseadas na linguagem.

Não significa que a linguagem cause um conjunto separado de eventos aos quais nos referimos como problemas psicológicos ou anormalidades (ou seja, nenhum processo adicional ou “novo” precisa ser definido). Ao contrário, esses problemas ocorrem como parte dos processos naturais da linguagem (ou seja, eles surgem através do surgimento de comportamentos em nosso repertório). Portanto, segundo Barnes-Holmes e colaboradores (2017), a suposição é pragmática (não é um fato científico e não é prontamente testável) de que quando você se torna capaz de linguagem, você inevitavelmente experimentará sofrimento psicológico em algum ponto em sua vida e que você reagirá ou lutará de uma maneira “não saudável” (isto é, respostas estreitas e inflexíveis que limitam o acesso a reforçadores) em relação a algum aspecto dessa aflição.

A angústia em si não é comportamentalmente problemática. Em contraste, lutar de maneira não saudável com o sofrimento é problemático e é esse último elemento que a linguagem em particular facilita. Assim, a avaliação e a intervenção psicológicas devem estar voltadas para os processos naturais da linguagem, outros aspectos do comportamento do cliente só mudarão quando esses processos forem manipulados adequadamente. A RFT permitirá para o cientista e clínico comportamental uma descrição detalhada e empiricamente fundamentada desses processos relevantes para intervenção (Barnes-Holmes et al., 2017). Para entender, prever e influenciar o comportamento humano, de acordo com Törneke (2010), precisamos de uma teoria da linguagem humana baseada em pesquisa experimental. Modelos empíricos têm sido aplicados no contexto clínico, como o modelo Hiper-Dimensional Multi-Nível (Barnes-Holmes, McEnteggart, & Barnes-Holmes, 2019; HDML). O HDML pode ser considerado tanto uma ferramenta de análise como também uma proposta de reorganização que destaca as propriedades do responder relacional com clareza e precisão. Destacaremos aqui a força do HDML para investigação do responder relacional arbitrariamente aplicável e, em seguida, descreveremos essas formas de orientação clínica baseadas na RFT.

HDML

O HDML é uma extensão do modelo Multi-Dimensional Multi-Nível (MDML) (Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Luciano & McEnteggart, 2017). O HDML substitui o M (“múltiplo”) por H (“hiper”) para enfatizar as propriedades funcionais e relacionais dos comportamentos. O MDML apresentado anteriormente e o HDML, mais recente, são o mesmo modelo, mas o último contém focos adicionais (isto é, funções evocativas e de orientação) que não estavam explicitamente contidas no MDML, que estava muito focado no relacionamento dos elementos (Barnes-Holmes et al. 2019). É importante destacar que todos os comportamentos avaliados pelo HDML, são comportamentos derivados.

No HDML são apresentados cinco níveis de complexidade relacional: implicação mútua; emol-

durar relacional, reticular (ou seja, formar redes) relacional; relacionar relações; e relacionar redes relacionais (Barnes-Holmes et. al, 2019). O Nível 1, Implicação mútua, refere-se a dois elementos que estão relacionados entre si (por exemplo, se A for maior que B, então B será menor que A). No Nível 2, Emoldurar relacional (no MDML nomeado de implicação mútua combinatória) um elemento é adicionado a relação do nível anterior, ou seja, três elementos (por exemplo, se A for maior que B e B for maior que C, então A será maior que C e C será menor que A). O Nível 3, Reticular relacional, novos elementos são adicionados à relação do nível anterior (mais de três elementos), exigindo um número maior de respostas relacionais derivadas para o seu estabelecimento (por exemplo, Se A é o mesmo que B e B é o mesmo que C, e C é maior que D, e D é maior que E, então E é menor que A, B, C e D). O Nível 4, Relacionar Relações, consiste em relacionar duas relações de Nível 1 (por exemplo, se A é maior que B, e a C é maior que D, A está para B assim como e C está para D, ou seja, são duas relações de menor que $B < A$ e $D < C$, relacionadas por coordenação). Por fim, no Nível 5, Relacionar redes relacionais, assim como no Nível 4, duas relações são relacionadas, mas aqui serão relações com mais elementos (mais de três).

De acordo com Barnes-Holmes e colaboradores (2019) há quatro dimensões para cada um desses cinco níveis: coerência relacional, complexidade, nível de derivação e flexibilidade relacional. A coerência relacional refere-se à medida em que a resposta relacional mesmo que aprendida de forma derivada, seja seguida de consequências reforçadoras, tornando-a mais coerente. A complexidade refere-se à densidade de um padrão de respostas relacionais, incluindo o número ou tipos de relações em uma determinada rede relacional. Nível de derivação refere-se ao número de vezes que uma resposta derivada foi emitida; a primeira resposta é alta em derivação porque está ocorrendo pela primeira vez e nunca foi anteriormente reforçada, mas daí em diante a resposta gradualmente adquire sua própria história e é, portanto, cada vez menos derivada a cada repetição. A flexibilidade relacional refere-se à medida em que os padrões de resposta relacional derivada podem ser influenciados ou alterados por variáveis contextuais.

Modelos como anteriormente, o MDML, e agora, o HDML têm sido ferramentas úteis para conhecer principalmente sobre a história responsável pelo estabelecimento e propriedades funcionais de respostas relacionais derivadas. É possível mesmo no contexto clínico, identificar características das respostas relacionais emitidas pelos clientes e propor intervenções. Por exemplo, um cliente que tenha um pensamento recorrente de que “Eu sou um fracasso” pode ter essa resposta verbal afetando inúmeros outros elementos de seu ambiente, como já foi amplamente descrito anteriormente nesta perspectiva (Hayes et al., 1999). Neste ponto o terapeuta, de acordo com características da descrição do paciente, pode identificar propriedades funcionais das suas respostas relacionais (níveis relacionais) e suas propriedades dinâmicas (dimensões). Assim, o terapeuta terá a partir dessa visualização a partir do HDML um entendimento muito mais profundo do RRAA como também de redes relacionais estabelecidas no repertório de seu cliente. Essa classificação juntamente com estratégias apresentadas a seguir, podem permitir a elaboração de estratégias terapêuticas diferenciadas em uma perspectiva comportamental.

É imprescindível dizer que este modelo é apenas um guia, e que não apresenta nada de totalmente novo (Barnes-Holmes et al., 2017; Barnes-Holmes et al., 2019). Consiste em uma organização de propriedades funcionais do RRAA que podem ser observadas pelos terapeutas básicos. Ele permitirá um olhar mais preciso sobre as respostas relacionais derivadas dos clientes, permitindo que o terapeuta compreenda melhor como produzir modificações. Os níveis e dimensões no HDML são extremamente dinâmicos (como o próprio comportamento que ele investiga) e muitas vezes existem limites que são apenas inferidos, o importante nunca será uma classificação estrutural, mas sim a investigação organizada e gradual dos níveis e dimensões das respostas relacionais derivadas.

Orientações Clínicas baseadas em RFT

Partindo então de uma proposta orientada pela perspectiva da RFT, Barnes-Holmes, Boorman, Oliver, Thompson, McEnteggart, & Coulter (2018),

descreveram recentemente duas formas de abordagem que inicialmente os autores têm aplicado para intervenção clínica. Estas propostas fazem uso da organização e precisão apresentadas inicialmente pelo MDML e atualmente pelo HDML, para análise das respostas relacionais derivadas dos pacientes. Em Barnes-Holmes e colaboradores (2018) os autores apresentam a descrição de dois casos clínicos mostrando como essas abordagens podem permitir intervenções orientadas a proposta da RFT. A seguir descreveremos estas duas abordagens, a saber, a Análise Funcional Verbal e o “*Drill-down*”¹. Ambos ocorrem de forma extremamente dinâmica, permitindo ao terapeuta uma investigação e intervenção mais precisa.

Análise Funcional Verbal

Uma Análise Funcional Verbal, segundo Barnes-Holmes e colaboradores (2018), enfoca as funções de estímulos e respostas que possuem propriedades definidas como verbais. Segundo os autores, são duas as principais maneiras pelas quais a análise funcional verbal pode ser utilizada na terapia: a avaliação funcional verbal e o rastreamento verbal das fontes do controle comportamental. O *Drill-Down*, constitui parte da análise funcional verbal ao conduzir avaliações e análises presentes na relação terapêutica, descrevendo os comportamentos terapêuticos envolvidos nessa estratégia.

Avaliação funcional verbal: Na avaliação funcional verbal, realiza-se a distinção entre redes relacionais mais e menos aversivas nas quais o eu-dêitico participa, isto é, as redes menos aversivas têm uma abordagem dominante ou funções S+ (similares a se mover em direção a algo), enquanto as redes mais aversivas têm evitação dominante ou funções S- (semelhante a se afastar de algo). Durante o processo terapêutico, inicialmente o terapeuta irá lidar com as redes S+, uma vez que os clientes apresentam um maior envolvimento com elas e assim o tra-

1 O Termo Drill-down poderia ser traduzido literalmente como aprofundamento ou detalhamento. Contudo estes termos não permitem a o sentido mais preciso do termo utilizado no contexto da abordagem proposta. Este sentido foi apresentado com mais detalhes em outro momento no texto.

balho terapêutico referente a elas será menos desconfortável. Só então o terapeuta se orientará para as redes S-, em que comportamentos de esquiva do cliente e um maior desafio podem ser observados. O foco é estabelecer relações entre essas redes relacionais. O objetivo principal da avaliação funcional verbal é identificar como se dão estas redes relacionais específicas no repertório comportamental do paciente, ou seja, elementos que evoquem respostas de evitação ou aproximação (Barnes-Holmes et al., 2018). Identificados estes elementos o terapeuta buscará evocar um envolvimento do cliente com questões que normalmente seriam evitadas, construindo flexibilidade psicológica e alterando o controle contextual, permitindo que a interação verbal observada modifique suas funções.

Rastreamento verbal: No rastreamento verbal das fontes de controle será realizada uma investigação precisa das fontes de controle do comportamento do cliente. Segundo Barnes-Holmes e colaboradores (2018) esta etapa é essencial para compreender como se deu até aquele momento o estabelecimento das redes relacionais de que o eu-dêitico participa. Um maior conhecimento destas relações é essencial para um adequado estabelecimento de relações causais e hierárquicas e o eu-dêitico.

Drill-Down: o *Drill-Down* é parte da análise funcional verbal. Tem o objetivo de estabelecer os comportamentos envolvidos em uma forte relação terapêutica, ou em termos técnicos, uma relação forte entre o eu-dêitico (cliente) e o outro-dêitico (terapeuta). É essencial que esse estabelecimento seja feito em um contexto altamente cooperativo, estável e consistente. É relevante mencionar, que a ausência deste tipo de ambiente na história do paciente pode implicar em uma falha no estabelecimento destas relações dêiticas adequadamente (Barnes-Holmes et al., 2018). Nesse caso, a ausência de estabilidade na história verbal pode ocasionar baixa coerência relacional, dificultando a derivação da distinção de perspectivas. O terapeuta precisa estabelecer uma relação com o cliente possibilitando previsibilidade e consistência, fornecendo o contexto verbal para tanto. Barnes-Holmes e colaboradores (2018) mencionam que pode parecer uma estratégia paradoxal uma vez que existe uma coordenação entre o eu-dêitico

com o outro-dêitico, o que sempre se apresenta como um grande desafio para o terapeuta. Apesar de paradoxal, essa estratégia propicia uma relação de confiança e um senso de segurança para o paciente. O *drill-down* possibilitará, com a coordenação do eu e outro-dêiticos, um compartilhamento cooperativo das perspectivas de cliente e terapeuta, contribuindo para o desenvolvimento do senso de self para o cliente – entendido como uma rede relacional. Essa expressão “*drill-down*” significa, em português, aprofundamento, e possui, em inglês o elemento “drill”, em português, broca; segundo os proponentes dessa abordagem poderia ser entendida mais colaramente como uma metáfora para “perfurar cada vez mais fundo” na investigação sobre o self do cliente. (Barnes-Holmes, Boorman et al., 2018).

De maneira prática, estas estratégias apontam como é essencial o conhecimento das redes relacionais estabelecidas pelos clientes em sua história de vida. Esses produtos do seu responder relacional derivado, que é refinado a cada dia, a cada resposta emitida, será indispensável para o estabelecimento de objetivos em terapia. Essa investigação tem como foco especial as redes relacionais dêiticas e também como foram estabelecidos elementos do self como conteúdo do cliente. A análise funcional verbal e o rastreamento verbal permitirão que a intervenção seja a mais gentil e efetiva ao tomarmos conhecimentos das redes S+ e S- dos clientes. Essa análise permitirá agirmos em relação as funções dos elementos presentes no seu ambiente, tendo uma melhor ideia do sentido que esses elementos têm no seu contexto. Com o Drill-down, a relação terapeuta-cliente ganhará profundidade e o vínculo permitirá uma melhor compreensão do terapeuta e um maior suporte para o cliente.

O objetivo final da Análise Funcional Verbal é o estabelecimento de repertórios relacionais flexíveis que permitam ao cliente um maior conhecimento de como o controle ambiental afeta seu comportamento. (Foody, Barnes-Holmes, Barnes-Holmes & Luciano, 2013; Barnes-Holmes et al., 2018, Torneke, Luciano, Barnes-Holmes & Bond, 2016). Conduzir análises funcionais verbais de redes relacionais e suas funções gera uma compreensão sólida do funcionamento do comportamento de um cliente. A partir da observação destas redes relacionais é

possível alterá-las criando repertórios mais amplos e flexíveis. Nesse tipo de análise, fica claro que o comportamento verbal do cliente, entendido como responder relacional derivado, é fator essencial para compreensão das funções dos elementos no seu ambiente e muito menos peso é atribuído a sua história direta de aprendizagem. Entendemos que dessa forma, a proposta aqui relatada e apresentada em Barnes-Holmes e colaboradores (2018; 2019), modificam tanto os elementos a serem observados para uma intervenção clínica, como as próprias maneiras de intervenção que seriam consideradas eficazes para contingências como as descritas pela RFT. O entendimento do ser humano, a sua interação com o ambiente, e a relevância do repertório relacional derivado, demandam um tratamento distinto. Intervir em contingências diretas pode não ser o suficiente, ou mesmo o ideal, para produzir resultados eficazes.

Considerações Finais

Os desenvolvimentos recentes tanto na organização funcional da RFT como também em sua aplicação clínica baseada em princípios básicos nos permitem notar como essa explicação para o comportamento verbal modifica o que devemos nos atentar em uma análise funcional. Empregar essa explicação não permite uma análise de contingências muito mais abrangentes, por entendermos a importância do comportamento verbal ao controlar respostas desde as mais simples até as mais complexas. A compreensão de que organismos verbais tem uma interação totalmente diferenciada das contingências em comparação a organismos não verbais e que grande parte disso que nos torna seres-humanos, apesar de aumentar nossas possibilidades grandemente, permite também um grande contato com contingências aversivas.

A RFT tem um jargão próprio e vem demonstrando evidências experimentais por pouco mais de trinta anos. No entanto, empregar termos como implicação mútua ou transformação de funções em um contexto clínico não é suficiente para o estabelecimento de uma prática clínica baseada em RFT. Fica claro, notando as propostas mais recentes sobre este tema, que o desenvolvimento de uma

prática clínica alinhada com essa perspectiva de comportamento verbal, vai muito além disto. Essa prática parte de um entendimento totalmente diferencial desde a interpretação mais pontual das contingências responsáveis pelo estabelecimento de nossos repertórios comportamentais até a forma como compreendemos esse repertório relacional complexo, fluido e generativo que é característico de nós seres humanos.

Referências

- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Luciano, C., & McEnteggart, C. (2017). From the IRAP and REC model to a multi-dimensional multi-level framework for analyzing the dynamics of arbitrarily applicable relational responding. *Journal of Contextual Behavioral Science*. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.08.001>
- Barnes-Holmes, Y., Dermot Barnes-Holmes, & McEnteggart, C. (2017). Relational Frame Theory: Description, Evidence, and Clinical Applications. In P. L. dos Santos, S. Carvalho, J. P. Gouveia, M. da S. Oliveira, & J. Pistorello (Eds.), *International ACT practical handbook*. TBC.
- Barnes-Holmes, Y., Boorman, J., Oliver, J. E., Thompson, M., McEnteggart, C., & Coulter, C. (2018). Using conceptual developments in RFT to direct case formulation and clinical intervention: Two case summaries. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 7, 89–96. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.11.005>
- Barnes-Holmes, Y., Barnes-Holmes, D., & McEnteggart, C. (2018). Narrative: Its Importance in Modern Behavior Analysis and Therapy. *Perspectives on Behavior Science*. doi:10.1007/s40614-018-0152-y
- Barnes-Holmes, Y., McEnteggart, C., & Barnes-Holmes, D. (2019). Recent Conceptual and Empirical Advances in RFT: Implications for Developing Process-Based Assessments and Interventions. In *Innovations in Acceptance and Commitment Therapy*. New Harbinger: Oakland, CA.
- de Almeida, J. H., & Perez, W. F. (2016). Paus e pedras podem machucar, mas palavras... também!

- Teoria das molduras relacionais. *Experimentos Clássicos Em Análise Do Comportamento*, (December), 179–197.
- Foody, M., Barnes-Holmes, Y., Barnes-Holmes, D., & Luciano, C. (2013). An empirical investigation of hierarchical versus distinction relations in a self-based ACT exercise. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 13, 373–388.
- Foody, M., Barnes-Holmes, Y., Barnes-Holmes, D., Torneke, N., Luciano, C., Stewart, I., & McEnteggart, C. (2014) RFT for clinical use: The example of metaphor. *Journal of Contextual Behavioral Science*, <http://dx.doi.org/10.1016/j.jcbs.2014.08.001>
- Hayes, S. C., Strosahl, K., & Wilson, K. G. (1999). *Acceptance and Commitment Therapy: An experiential approach to behavior change*. New York: Guilford Press.
- Hayes, S. C. Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational Frame Theory: A Post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum Press.
- Hayes, S. C., & Berens, N. M. (2004). Why relational frame theory alters the relationship between basic and applied behavioral. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 4(2), 341–353.
- Luciano, C., Valdivia-Salas, S., Ruiz, F. J., Rodríguez-Valverde, M., Barnes-Holmes, D., Dougher, M. J., & Gutierrez, O. (2013). Extinction of aversive eliciting functions as an analog of exposure to conditioned fear: Does it alter avoidance responding? *Journal of Contextual Behavioral Science*, 2(3-4), 120–134. doi:10.1016/j.jcbs.2013.05.001
- Luciano, C. Valdivia-Salas, Ruiz, F. J. Rodríguez-Valverde, M. Barnes-Holmes, D., Dougher, M. J., López-López, J., Barnes-Holmes, Y., & Gutierrez-Martínez, O. (2014) Effects of an acceptance/defusion intervention on experimentally induced generalized avoidance: A laboratory demonstration. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 101(1), 94–111. doi:10.1002/jeab.68
- Stewart, I., & Roche, B. (2013). Relational frame theory: An overview. In S. Dymond & B. Roche (Eds.) *Advances in Relational Frame Theory: Research and Application* (pp.51-71).
- Stewart, I., McElwee, J., & Ming, S. (2013). Language Generativity, Response Generalization, and Derived Relational Responding. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29(1), 137–155. doi:10.1007/bf03393131
- Törneke, N. (2010). *Learning RFT: An introduction to Relational Frame Theory and Its Clinical Application*. Oakland: Context Press.
- Törneke, N., Luciano, C., Barnes-Holmes, Y., & Bond, F. W. (2016). RFT for clinical practice: Three core strategies in understanding and treating human suffering. In R. D. Zettle, S. C. Hayes, D. Barnes-Holmes, & A. Biglan, T. (Eds), *The Wiley handbook of contextual behavioral science* (pp. 254-272), West Sussex, UK: Wiley-Blackwell.
- Zettle, R. D., Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Biglan, A. (2016) *The Wiley Handbook of Contextual Behavioral Science*. John Wiley & Sons.

Informações do Artigo

Histórico do artigo:

Submetido em: 15/05/2019

Primeira decisão editorial: 09/06/2020

Aceito em: 14/09/2020